

SOFRIMENTO ÉTICO-POLÍTICO NO TRABALHO: UMA REVISÃO NARRATIVA

Rogers Alexander Boff⁴⁷

Sueli Maria Cabral⁴⁸

Resumo

A pesquisa é fruto de uma investigação teórica cujo objetivo é descrever e analisar o sofrimento ético-político no trabalho. Para isso, realizou-se uma revisão narrativa que utilizou a plataforma UNIQUE para acessar os materiais nas bases de dados BASE, MEDLINE Complete e SciELO. Os resultados evidenciaram que o trabalho é central na vida das pessoas, sendo fonte de subsistência, felicidade e inclusão. Entretanto, o trabalho também é fonte de sofrimento quando há uma inclusão perversa, em que os trabalhadores são tratados de maneira desigual. Como consequência, o trabalho deixa de operar como meio de expansão e passa a trazer sofrimento, sentimentos de inferiorização e falta de perspectiva de um futuro, ou seja, as injustiças sociais dão ensejo ao sofrimento ético-político.

Palavras-chave: Desigualdade; Exclusão; Inclusão; Sofrimento ético-político; Trabalho.

⁴⁷ Mestrando do Programa de Pós-graduação do Mestrado Acadêmico em Psicologia da Universidade Feevale.
E-mail: rogers.boff@gmail.com

⁴⁸ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS). Professora da Universidade Feevale/Programa de Pós-graduação do Mestrado Acadêmico em Psicologia. E-mail: suelicabral@feevale.br
Endereço de correspondência: Universidade Feevale – Campus II, Prédio Lilás, Sala 200A – ERS-239, 2755 | Novo Hamburgo-RS/Brasil – CEP 93525-075.

Introdução

O processo de globalização das últimas décadas é discutido a partir das inúmeras transformações sociais ocorridas ao longo do tempo, em que o aceleramento desordenado do processo de urbanização, as desigualdades de renda, a falta de acesso aos serviços e o desenraizamento causado pela mobilidade profissional contribuíram para o crescimento do processo de exclusão (Wanderley, 2019), que desde os tempos coloniais, no Brasil, se têm presentes esses processos sociais excludentes, os quais se agravaram no período da ditadura militar (Véras, 2014).

No entanto, a desigualdade social decorrente da fragmentação social e da exclusão política, peculiares do sistema capitalista, ainda são uma realidade duradoura, que persiste mesmo durante os períodos de expansão econômica, levando à insatisfação social e à falta de legitimidade das instituições, cujas consequências nefárias se reproduzem fortemente, aprofundando as fraturas do tecido social (Chaves & Gehlen, 2019).

Nesse trilhar, o mundo do trabalho sofreu inúmeras transformações, assumindo diferentes dimensões e importância na vida humana; contudo, para alguns autores como Antunes (2018), o trabalho ainda mantém não apenas sua importância, mas igualmente a sua centralidade. De acordo com o autor, “Em pleno século XXI, mais do que nunca, bilhões de homens e mulheres dependem de forma exclusiva do trabalho para sobreviver [...]” (Antunes, 2018, p. 25), ou seja, o sustento da maioria das pessoas ainda depende da venda de suas habilidades profissionais e do seu tempo no mercado de trabalho.

Conforme Cabral e Veronese (2020), o trabalho é um dos principais responsáveis pelas referências econômica, social, cultural e, principalmente, psicológica dos indivíduos; e as incertezas geradas pelos novos processos e vínculos precários de trabalho, bem como o medo do próprio desemprego, resultam em experiências de insegurança, vulnerabilidade e sofrimento social.

Diante desse cenário, em que a integração pelo trabalho é uma das principais formas de inserção na sociedade atual, Castel (2019a) ressalta que as mudanças no mercado produtivo abrem caminhos para exclusão social, pois as transformações ocorridas no mundo do trabalho provocaram uma desmontagem das proteções e garantias trabalhistas, desestabilizando as relações de trabalho, cuja repercussão atinge os diversos setores da vida social, acarretando desigualdades sociais. Nesse cenário de exclusão, o sistema capitalista busca incluir, porém a maneira em que inclui contém as mesmas formas de exploração e injustiças (Castel, 2019a), ou seja, trata-se de uma inclusão perversa, que, de acordo com Sawaia (2014a, p. 8), “A sociedade excluiu para incluir e esta transmutação é condição da ordem social desigual, o que implica o caráter ilusório da inclusão”.

Além disso, os trabalhadores cada vez mais têm vivenciado, no mundo do trabalho, situações instáveis, condições precárias, o retrocesso de suas conquistas e a redução dos seus direitos sociais diante de uma lógica capitalista destrutiva que, ao afastar milhares de pessoas do mundo produtivo, traz novos tipos de trabalho precarizado, intermitente, informal, “flexível”, diminuindo cada vez mais os níveis de salário daqueles que continuam trabalhando, além do flagelo do desemprego (Antunes, 2018).

Essa relação, que é afetada pelos processos psicossociais de exclusão/inclusão, faz com que o trabalho deixe de ser “um meio propício para o desenvolvimento e crescimento, passando a existir como uma fonte de sofrimento e impedimento a saúde” (Dias, 2014, p. 97). Portanto, é por meio deste cenário de injustiças sociais que surge o sofrimento ético-político (Sawaia, 2014a).

Diante disso, questiona-se: como o sofrimento ético-político se caracteriza no mundo trabalho? E quais são as suas consequências?

Utilizando como método a revisão narrativa, esta pesquisa tem como objetivo verificar como vem sendo empregado o conceito de sofrimento ético-político nas relações de trabalho e descrever os principais resultados dos estudos realizados durante o período de 2010 a 2020.

Método

A revisão narrativa é o estudo apropriado para descrever e discutir, tanto sob o ponto de vista contextual quanto teórico, o desenvolvimento ou o "estado da arte" de um determinado tema (Ribeiro, 2014). É recomendável para investigar os resultados científicos disponíveis e também para (re)construção de redes de ideias e conceitos que esclareçam o conhecimento de diferentes fontes de saberes, com o intuito de seguir na direção do que se deseja conhecer (Gomes & Caminha, 2014).

Para isso, inicialmente, definiu-se o tema, a pergunta norteadora da pesquisa e os descritores “sofrimento ético-político AND trabalho”. Na fase seguinte, utilizando a plataforma UNIQUE como meio de acesso, foi realizado o levantamento bibliográfico nas bases de dados BASE, MEDLINE Complete e SciELO, com os seguintes critérios de inclusão: textos completos, com fonte em revistas acadêmicas, no período de 2010 a 2020, no idioma português. A partir disso, foram encontrados um total de 43 artigos. Aplicando-se os critérios de inclusão e removendo os duplicados, restaram 32 artigos. Em seguida, foram lidos os títulos e os resumos e, quando necessário, os textos na íntegra, para verificar se abordavam a temática sofrimento ético-político no trabalho. Ao final, foram excluídos 29 artigos, os quais não apresentaram qualquer tipo de relação com a utilização do conceito de sofrimento ético-político no trabalho. Por fim, foram incluídos na revisão 3 artigos.

Discussão dos resultados

Da análise dos resultados, após a leitura dos artigos selecionados, pôde-se chegar a duas categorias temáticas: trabalho e sofrimento e desigualdade e exclusão. Para analisar os dados, será utilizada a análise temática de conteúdo.

Trabalho e sofrimento

A classe de jovens trabalhadoras vem ganhando atenção dos governos mundiais, que têm buscado garantir a inserção dos jovens no mercado de trabalho (Dias, 2014). Os catadores de materiais recicláveis têm o reconhecimento da profissão, no Brasil, pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e, segundo dados do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis do ano de 2010, há 800 mil profissionais na ativa (Miura & Sawaia, 2013). Por sua vez, as mulheres profissionais do sexo têm a sua profissão reconhecida pela Classificação Brasileira de Ocupações – CBO (Almeida & Silva, 2019).

Dias (2014), ao analisar as vivências de cinco jovens trabalhadoras operárias com idades entre 17 e 24 anos de idade, como base em um estudo de caso realizado em indústrias de confecção de uma cidade do interior paulista, verificou que o ambiente de trabalho destas jovens trazia insatisfação e sofrimento, pois as atividades empregadas exigiam esforço físico, cobrança de produção e as relações de trabalho eram competitivas e humilhantes. Nesse sentido, foi possível verificar que as atividades desenvolvidas por estas jovens não eram criativas, mas sim mecânicas, repetitivas, rotinizadas etc., bloqueando, dessa forma, a expansão de novos horizontes, a criação, o aprendizado, as vivenciais, a liberdade, a felicidade, novas conquistas etc. Em consequência, o desenvolvimento dessas jovens foi prejudicado, tendo em vista que os estímulos proporcionados pelo trabalho em nada lhes favoreciam, ao contrário, impunham barreiras aos estímulos necessários para se obter uma sadia formação.

Já na pesquisa realizada por Miura e Sawaia (2013, p. 331) sobre os catadores de materiais recicláveis, foi possível verificar que, mesmo após o reconhecimento da profissão de catador, esses profissionais sofrem constantemente discriminações por inúmeros motivos – má vestimenta, por mexerem no lixo, pela aparência suja etc. –, “[...] são discriminados, enfim, por viverem visivelmente à margem da sociedade”. Diante disso, há um sofrimento humano que decorre da estigmatização e da privação diária do estorno social, além das doenças físicas contraídas no lixo diante das condições precárias de trabalho. Assim, a profissão traz mais sofrimento do que prazer, pois estes profissionais vivenciam o sentimento de tristeza, o preconceito, a discriminação, o prejuízo à saúde física, a dor de não conseguirem proporcionar um futuro melhor aos filhos e, em

alguns casos, de não conseguir ter um relacionamento com outra pessoa, o que caracteriza o sofrimento ético-político.

Por outro lado, na pesquisa empreendida por Almeida e Silva (2019) com oito mulheres profissionais do sexo, foi possível verificar, nos relatos, quando feita uma retomada das histórias de vida, que essas mulheres foram criadas em ambientes familiares marcados pela fome, miséria, violência física e psicológica (sofrida tanto por elas quanto por suas mães), falta de educação e incentivo para estudarem. Ademais, chamou a atenção das autoras que essas mulheres não possuíam muitas informações sobre a infância e a adolescência, passando logo a falarem de como ingressaram na prostituição, demonstrando que a entrada nessa profissão foi o que marcou suas vidas. Desse modo, verificou-se a existência de um sofrimento ético-político desde a infância dessas mulheres, antes mesmo de entrarem na prostituição, o qual se apresenta de forma crescente no decorrer de suas histórias, pois essas mulheres não vislumbram outros meios que possam melhorar suas vidas, “[...] vendo-se presas a um contexto de servidão que não propicia a liberdade de escolher o que realmente querem, visto que suas escolhas são permeadas por aspectos socioeconômicos e histórico-culturais do local onde vivem” (Almeida & Silva, 2019, p. 91).

Dias (2014), por outro lado, verificou que o trabalho exercido pelas jovens trabalhadoras, no qual se tem presente a política de afetividade, que é a forma pela qual há a reprodução das principais formas de operações que, se utilizando do afeto, modelam as vontades, os comportamentos e as necessidades, revelou a existência de sofrimento ético-político através dos sentimentos de medo, vergonha, humilhação, inferiorização, na perda de esperança de um futuro, bem como pelas doenças desenvolvidas, como a depressão e LER/DORT.

Nesse sentido, Almeida e Silva (2019) concluíram, no seu estudo, que a profissão de profissional de sexo, exercido pelas mulheres entrevistadas, as objetifica, as desumaniza, as excluem do meio social, pois são oprimidas pela sociedade, que, por sua vez, não proporciona meios e recursos para que possam sair dessa profissão, fazendo com que permaneçam na prostituição, pois é a única maneira de sobrevivência.

Portanto, conhecer o sofrimento ético-político é, de acordo com Sawaia (2014b, p. 107), analisar as formas de privação humana que estão escondidas “[...] por atrás da aparência da integração social [...]”. É, portanto, compreender a exclusão e a inclusão através das modernas faces dos antigos problemas sociais.

Desigualdade e exclusão

Quando a exclusão é vivida como inclusão, ou seja, quando ocorre a inserção no trabalho, “[...] essa inclusão se caracteriza como perversa, face às condições de trabalho e de vida a que o trabalhador está submetido” (Dias, 2014, p. 97). Se, de um lado, diante das novas tecnologias,

houve a redução de exposição a agentes insalubres e perigosos, por outro lado, surgiram novos riscos e problemas no trabalho, como o aumento das jornadas de trabalho e a sua intensificação, descumprimento de normas de segurança e de proteção à saúde dos trabalhadores, acúmulo de funções, diminuição dos níveis salariais e a elevação da instabilidade no trabalho.

Nesse sentido, é importante trazer as contribuições de Sawaia (2014b) acerca da exclusão sob a dialética exclusão/inclusão, em que a autora introduz a ética e a subjetividade, bem como a afetividade, para a análise do fenômeno de exclusão social e a sua transmutação em inclusão social. Assim, para falar em exclusão, torna-se necessário colocar no centro das discussões a ideia de humanidade, o sujeito e a maneira com a qual se relaciona no contexto social – família, trabalho, bairro, etc. –, pois “[...] ao falar de exclusão, fala-se de desejo, temporalidade e de afetividade, ao mesmo tempo que de poder, de economia e de direitos sociais” (Sawaia, 2014b, p. 100).

A instabilidade no mundo do trabalho, que provoca exclusão, fica evidenciada na pesquisa realizada por Miura e Sawaia (2013), em que os catadores de materiais recicláveis, ao serem excluídos do mercado de trabalho formal, buscaram nessa profissão um meio de sobrevivência. Só que, nessa profissão, esses indivíduos enfrentam outro tipo de exclusão, qual seja, a exclusão do contexto social, em que são vistos, diante de uma imagem ideológica associada a estereótipos, como “[...] ladrão, mendigo, malandro, vagabundo, incapaz [...]” (Miura & Sawaia, 2013, p. 334). Diante desse cenário, em que esses profissionais enfrentam uma dupla exclusão frente às desigualdades sociais, as autoras constataram que todos os profissionais participantes da pesquisa revelaram o sentimento de vergonha da profissão, fazendo com que muitos dos catadores escolhessem trabalhar na triagem do que nas ruas catando materiais.

Nesse passo, é imperioso trazer os ensinamentos de Castel (2019b, p. 52) acerca da exclusão que é, no sentido literal da palavra, “[...] sempre o desfecho dos procedimentos oficiais e representa um verdadeiro *status*. É uma forma de discriminação negativa que obedece às regras estritas de construção”.

No estudo de Almeida e Silva (2019), é possível verificar que as mulheres prostitutas – profissional do sexo –, além de serem excluídas e tratadas de forma desigual na sociedade, também são criminalizadas, banalizadas e julgadas pelo caráter, sem que ao menos haja uma reflexão por parte da sociedade sobre a origem e as causas que levaram essas mulheres a exercerem esse tipo de profissão.

Por sua vez, Dias (2014) conclui, em sua pesquisa, que é possível dividir as jovens em dois grupos: as que se preparam para assumir uma profissão no futuro e mantêm preservada a juventude, e as que precocemente assumem responsabilidades e obrigações. Essa distinção está associada às classes sociais e também ao trabalho. Nesse sentido, ao analisar a realidade das jovens

trabalhadoras já inseridas no mercado de trabalho, constatou-se que há uma inclusão perversa e que a qualidade dessa inserção poderá acarretar, a longo prazo, comprometimento e custo social, perpetuando a desigualdade e a pobreza, tendo em vista que o futuro dessas jovens será prejudicado, diante da interferência negativa nos estudos, além do excesso de trabalho “[...] em condições precárias, com poucas oportunidades de aprendizado, em atividades auxiliares, sem qualificação específica, que não ajuda ou prejudica o seu desenvolvimento ou, ainda, gera adoecimentos” (Dias, 2014, p. 94).

Importante destacar, segundo Prado, Silva, & Silvestrini (2020), que as desigualdades e precarizações existentes nas sociedades atuais, decorrentes de um mercado de trabalho precarizado, têm cada vez mais afetado os jovens, principalmente aqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade, sem suporte econômico e com poucas oportunidades. São esses jovens os mais vulneráveis aos efeitos negativos da exclusão, da desigualdade, da exploração, das condições precárias de trabalho, do subemprego e da informalidade.

Diante desse contexto de desigualdade e exclusão, Almeida e Silva (2019) destacam que as oportunidades de ascensão social, no Brasil, não são para todos, pois há uma grande desigualdade social e de gênero, que retira de muitos as oportunidades e chances de saírem de situações de pobreza. Desse modo, as autoras concluíram que muitas mulheres recorrem à prostituição, pois veem nessa profissão a única maneira de poderem garantir a sua sobrevivência e a de seus familiares.

Conclusões

É inegável que o trabalho é muito mais do que uma mera forma de obtenção de renda. É através dele que os laços afetivos se criam, que as realizações pessoais se consolidam, que se adquire *status* social, entre uma infinidade de conquistas, prazeres e realizações que o trabalho proporciona, fazendo com que a vida se torne mais significativa. Além disso, é visto em um contexto social como a forma de inclusão das pessoas na sociedade (Castel, 2019a).

Ocorre que a forma pela qual o sistema capitalista inclui as pessoas no mercado de trabalho traz sofrimento, pois se trata de uma inclusão perversa, em que primeiro se exclui para depois incluir. Nesse sentido, Sawaia (2014b) assevera, ao tratar da dialética exclusão/inclusão no contexto do trabalho, que essa transmutação vivida como uma forma de integração adaptativa de inserção social causa humilhação e sofrimento.

Nesse cenário, em que o trabalho não permite a expansão da criação e da imaginação, os trabalhadores não conseguem se libertar das determinações sociais e, conseqüentemente, não conseguem adquirir novas experiências, pois não há liberdade de pensamento e de ação, ficando,

desta forma, dependentes do sistema. Diante disso, “[...] as emoções relacionam-se às ações políticas dos homens, favorecendo a submissão e a servidão [...]. As emoções tristes fragilizam a pessoa, fazendo-a abrir mão de sua autonomia e de seus direitos [...]” (Dias, 2014, p. 98), diminuindo a potência de vida, fazendo com que as pessoas se sujeitem às vontades de outrem e/ou a uma lei exterior.

Diante desse contexto, o sofrimento ético-político é uma categoria de análise da dialética exclusão/inclusão, que abrange todas as enfermidades do corpo e da alma que afetam a vida de diversas formas (Sawaia, 2014b). Nesse sentido, para Espinosa (1983, p. 154), corpo e alma são uma unidade que constitui a essência do homem em um todo, pois “[...] o corpo é objeto da alma; por consequência, por essa mesma razão, a ideia da alma deve estar unida com o seu objeto, isto é, com a própria alma, da mesma maneira que a alma está unida ao corpo”, ou seja, o corpo é mais do que apenas uma matéria biológica, é matéria social e emocional. Assim, de acordo com Heller (1979), a dor é inerente ao ser humano e emana do indivíduo através das afecções de seu corpo, cuja capacidade de sentir e ser afetado varia de pessoa para pessoa.

Esse sofrimento “[...] retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade” (Sawaia, 2014b, p. 106), revelando a tonalidade ética do contexto da desigualdade social, que retira os direitos das pessoas, impedindo-as de manifestarem seus desejos e afetos.

Portanto, a exclusão social em todas as suas dimensões – étnicas, de gênero, cultural, econômica, etária, etc. – gera sofrimento. Dessa forma, é de suma importância os estudos a partir das emoções vividas pelos indivíduos. Todavia, é preciso, de acordo com Bourdieu (1998), questionar o sofrimento, o qual provoca mutilações no estorno social, pois somente trazendo à tona o conhecimento dos indivíduos, do seu cotidiano e seu sofrimento, é que será possível combater a tecnocracia econômica.

Por fim, insta salientar, quando da análise dos materiais, que há pouquíssimos estudos acerca do sofrimento ético-político no trabalho, o que urge a necessidade de que sejam realizados novos estudos acerca desse tema que é de suma importância no contexto atual, diante do mercado cada vez mais competitivo, em que as pessoas têm se submetido a trabalhos precários, informais e ao subemprego, para garantir a sobrevivência de suas famílias em meio à crise mundial provocada pela pandemia da COVID-19.

Referências Bibliográficas

- Almeida, L. P., Silva, G. P. (2019). Mulheres donas de seus destinos: a constituição do sujeito enquanto mulher profissional do sexo. *Trayectorias Humanas Trascontinentales*, (6), 80-96.
- Antunes, R. (2018). *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo.
- Bourdieu, P. (1998). *Contrafogos – Táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Cabral, S. M.; & Veronese, M. V. (2020). Trabalho e desemprego: mulheres na Região do Vale do Sinos-RS. *DESENVOLVE: Revista de Gestão do Unilasalle*, 9(2), 27-44.
- Castel, R. (2019a). As transformações da questão social. In M. Belfiore-Wanderley, L. Bógus & M. Yazbek (Eds.), *Desigualdade e a questão social*, 4ª ed. rev. e ampl. (pp. 235-272). São Paulo: EDUC.
- Castel, R. (2019b). As armadilhas da exclusão. In M. Belfiore-Wanderley, L. Bógus & M. Yazbek (Eds.), *Desigualdade e a questão social*, 4ª ed. rev. e ampl. (pp. 17-56). São Paulo: EDUC.
- Chaves, H. L. A., & Gehlen, V. R. F. (2019). Estado, políticas sociais e direitos sociais: descompasso do tempo atual. *Serviço Social & Sociedade*, (135), 290-307.
- Dias, M. D. A. (2014) Jovens trabalhadoras e o sofrimento ético-político. *Psicologia & Sociedade*, 26(2), 93-102.
- Espinosa, B. (1983). *Ética*. São Paulo: Abril Cultural.
- Gomes, I. S., & Caminha, I. O. (2014). Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano. *Movimento*, 20(1), 395-411.
- Heller, A. (1979). *Teoría de los Sentimientos*. México: Ediciones Coyoacán.
- Miura, P. O., Sawaia, B. (2013). Tornar-se catador: sofrimento ético-político e potência da ação. *Psicologia & Sociedade*, 25(2), 331-341.
- Prado, A. C. S. A., Silva, C. R., Silvestrini, M. S. (2020). Juventudes, trabalho e cultura em tempos de racionalidade neoliberal. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(2), 706-724.
- Ribeiro, J. L. P. (2014). Revisão de investigação e evidência científica. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 15(3), 671-682.
- Sawaia, B. (2014a). Introdução: exclusão ou inclusão perversa. In B. Sawaia (Ed.), *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*, 14ª ed. (pp. 7-13). Petrópolis, Vozes.
- Sawaia, B. (2014b). O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In B. Sawaia (Ed.), *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*, 14ª ed. (pp. 97-117). Petrópolis, Vozes.
- Véras, M. P. B. (2014). Exclusão social – Um problema brasileiro de 500 anos (notas preliminares). In B. Sawaia (Ed.), *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*, 14ª ed. (pp. 27-52). Petrópolis, Vozes.
- Wanderley, L. E. (2019). A questão social no contexto da globalização: o caso latino-americano e o caribenho. In M. Belfiore-Wanderley, L. Bógus & M. Yazbek (Eds.), *Desigualdade e a questão social*, 4ª ed. rev. e ampl. (pp. 51-161). São Paulo: EDUC.

ETHICAL-POLITICAL SUFFERING AT WORK: A NARRATIVE REVIEW

Abstract

This research is the result of a theoretic investigation with the objective of describing and analyzing the ethical-political suffering in the workplace. For that end, a narrative revision was made, which utilized the UNIQUE platform to access materials on the following databases: BASE, MEDLINE Complete and SciELO. The results put in evidence that work is centric in the life of people, being a source of subsistence, happiness and inclusion. However, work is also a source of suffering when there's a perverse inclusion in which the workers are treated in discriminatory ways. As a consequence, work stops operating as an expansion method and starts bringing suffering, feelings of inferiority, lack of perspective for a future - that is, social injustices brings ethical-political suffering.

Keywords: Inequality; Exclusion; Inclusion; Ethical-political suffering; Work.